



Carta pastoral

# O nosso processo sinodal

Dom Charles MOREROD OP

*Março 2022*

O papa convida toda a Igreja a percorrer um caminho sinodal. Este termo explica-se por si só: «A palavra “sínodo” contém tudo o que precisamos para compreender: “caminhar juntos”»<sup>1</sup>. Tal como os discípulos de Emaús após a ressurreição, nós caminhamos juntos com o Cristo ressuscitado.

E pedimos juntos ao Espírito Santo para que ele nos ajude a ver o nosso caminho neste momento.

A história mostra-nos que o Espírito Santo age muitas vezes através dos Santos, Santos esses que durante muito tempo passaram despercebidos. Este processo sinodal é chamado a permanecer, visto que «a sinodalidade expressa a natureza da Igreja, a sua forma, o seu estilo, a sua missão»<sup>2</sup>.

Começa por uma fase diocesana. Haverá de seguida fases nacionais, continentais e finalmente mundiais. Esta última não significará uma paragem. O processo, iniciado pelo nosso Papa, é chamado a se prolongar no tempo e visa a saúde da nossa Igreja.

Na nossa diocese, a consulta sinodal teve uma dimensão local: aberto às Unidades pastorais, comunidades religiosas, movimentos, mas também todos os grupos ou pessoas que quiseram falar.

Isto pode querer parecer uma vasta sondagem de opinião, mas trata-se primeiramente de escutar o que o Espírito diz às Igrejas (cf. Apocalipse 2,7).

Eu agradeço vivamente às pessoas que participaram neste processo, dos quais recebi comentários verbais ou escritos. Obrigado, também às pessoas que leram atentamente todas as respostas e fizeram sínteses, as quais me foram transmitidas.

A consulta diocesana reúne as contribuições amadurecidas na serenidade bem como a expressão das inquietudes, mal-estar, face a uma Igreja mal posicionada dentro da sociedade., desacreditada por escândalos de todos os géneros, isto num mundo ele mesmo instável e preocupante.

A consulta faz eco desses maus estares. Ela estigmatiza o fosso que se insinua entre a sociedade e a Igreja, uma Igreja onde a Palavra não é

---

<sup>1</sup> Discurso do Papa Francisco aos fiéis da Diocese de Roma, 18 de setembro de 2021, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210918-fedeli-diocesiroma.html>

<sup>2</sup> Discurso do Papa Francisco aos fiéis da Diocese de Roma, 18 de setembro de 2021.

captada nem compreendida. Uma certa confrontação entre Sacerdotes e Laicos se situa também neste contexto. Numerosos Laicos denunciam a situação do Sacerdote que, do alto do seu pedestal, toma decisões sozinho que dizem respeito a uma comunidade, mantendo um discurso que não reúne os membros da mesma (não é superficial: as nossas categorias e a nossa linguagem agora são estranhas à nossa cultura).

Mas mesmo as censuras mostram que ainda resta alguma esperança. Há expectativas, sinais do desejo de Deus colocado em nossos corações.

Além de certas oposições, a Igreja não é uma questão delegada a profissionais. A sinodalidade mostra que na Igreja estamos todos juntos, o que também é bom para os Sacerdotes e todos os agentes pastorais (que realmente precisam de apoio).

Somos um povo de batizados. Pelo nosso batismo, participamos da vida de Deus: Deus quer que estejemos com ele e por isso estamos juntos.

É porque temos em nós a vida de Deus que Jesus pode simplesmente nos dizer: «Portanto, sejam perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito.» (Mateus 5:48).

Que a participação neste processo nos ajude a tomar consciência do dom do nosso batismo e da nossa vocação comum a chamar à vida com Deus! É um grande dom, não o subestimemos!

É neste contexto que o Sacramento da Ordem está situado: a serviço para que Jesus, o Verbo feito carne, nos possa tocar com a sua Palavra e os seus sacramentos.

A autoridade na Igreja é origem de perguntas. Eu estou bem posicionado para ver a dificuldade de exercê-la, e que essa dificuldade está relacionada à concentração em uma pessoa.

Como dominicano, e inspirado nas respostas recebidas das comunidades religiosas, vejo a antiga e respeitada tradição, que os superiores religiosos não podem mais tomar algumas decisões sem a sua comunidade.

As comunidades religiosas também têm um sistema de “verificação” periódica muito apreciado: entre os Cistercienses um Abade e uma Madre visitam as comunidades e assim dar uma olhada sobre a vida destes e a autoridade neles.

Esta experiência das comunidades religiosas poderia ser um modelo também para os Bispos e para as Paróquias.

Continuo marcado pelo que me foi dito por uns passageiros no comboio, enquanto se dirigiam a um funeral de um Sacerdote: «Quando o víamos era como se víssemos Jesus». Aqui está a verdadeira vocação do Sacerdote, mas fundamentalmente a de todos os batizados: não é a nós mesmos que anunciamos.

Vamos ler o Evangelho juntos, mas também sozinhos no nosso quarto (cf. Mateus 6.6), para nos familiarizarmos com Jesus!

É necessário escutar as questões, mas também de ver os sinais de esperança que se manifestam ao longo do processo. Ouvi uma observação muito importante: as pessoas que vieram aos encontros sinodais diziam que elas vinham por causa de Cristo, mas que estavam felizes pela oportunidade de se conhecerem melhor entre elas, mesmo que regularmente se vissem na igreja sem se conhecerem. A razão de vir mostra uma direção fundamental, que vou exprimir com uma frase que vocês já puderam ler em várias das minhas cartas pastorais «a Igreja, é o Evangelho que continua»<sup>3</sup>.

É verdadeiramente o nosso programa, que recebemos de Deus. O Espírito Santo que tem inspirado o Evangelho pode-nos fazer vivê-lo, e isso é para que possamos ser verdadeiramente dignos de interesse.

Por entre os sinais de esperança evocados no processo, há esta observação: vamos em direção de uma Igreja mais pobre e mais modesta, na esperança de que os pobres se possam sentir em casa. Poder ser que esta “Igreja” implique para nós conhecer a Palavra de Deus e a imensa bagagem cultural e espiritual da mesma, bem como as relações com o pensamento e a situação atual, para poder dar razão à esperança que está em nós (cf. 1 Pedro 3,15).

Enquanto a nossa fé e a nossa Igreja são cada vez menos conhecidas, mesmo quando acreditamos que a conhecemos, temos uma grande necessidade de formação, mas antes de tudo de uma vida cristã. É na vivência que compreendemos a vida cristã.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Charles Journet, *A Igreja e a Bíblia*, Edições Saint-Augustin, Saint-Maurice, 1960, p.45.

<sup>4</sup> Cf. São Paulo VI, Encíclica *Ecclesiam Suam* (6 de agosto de 1964), 39: « O mistério da Igreja não é um simples objeto de conhecimento teológico, deve ser um fato vivido no qual, mesmo antes de ter uma noção clara, o alma fiel pode ter como experiência conatural » [https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_06081964\\_ecclesiam.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html)

O estudo da participação no processo destaca claramente que a vida das comunidades não é paroquial: surgiram outras formas de comunidade.

Em todo o caso, continua a ser essencial que as comunidades se possam reunir em lugares acessíveis (portanto com uma certa proximidade) em torno deste centro vivo que é Cristo na Eucaristia.

Isso não significa que todas as nossas paróquias atuais conseguirão sobreviver, correndo o risco de fragmentar as comunidades mais pequenas e torná-las menos vivas. Há que discernir localmente como unir as paróquias.

Devemos evitar extremos. Um será de nos fecharmos em nós mesmos, num pequeno grupo que vê o “mundo” com a satisfação do fariseu que se julga o melhor (cf. Lucas 18.11) e, portanto, não precisa de procurar o que há de positivo nas opiniões divergentes, mesmo que hostis.

O outro extremo seria de se fundir completamente na nossa sociedade em que mais nada nos distinguiria e que, portanto, não transpareceremos mais a luz do Ressuscitado, como sal insípido (cf. Mt 5,13).

A Igreja passou por grandes abalos durante a história desde o seu início. Não podemos ignorar que esse é o caso no momento. Apoiemo-nos uns aos outros em oração, lembrando a pergunta de Jesus: «Mas quando o Filho do Homem vier, achará ele ainda fé sobre a terra?» (Lucas 18.8).

A nossa grande esperança é a promessa de Jesus: «E saibam que estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.» (Mateus 28:20).

Esta promessa é cumprida pelo envio constante do Espírito Santo.

Recordemos que no Evangelho tudo começa exatamente quando a história parece acabar. Eu gostaria de concluir saudando-vos como na liturgia, cujas palavras têm um significado a meditar: «A paz esteja convosco!».

Vosso Bispo  
✠ Charles MOREROD